



250

O que eu tenho a dizer: trajetórias que contam

Doutor/Ph.D. [Silvia Pereira de Castro Casa Nova](#) [ORCID iD](#)

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brazil

Doutor/Ph.D. Silvia Pereira de Castro Casa Nova

[0000-0003-1897-4359](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade

Resumo/Abstract

Os relatos, histórias orais e registros autobiográficos ainda são raros na literatura em contabilidade e em negócios no Brasil. Apesar de estarem presentes no exterior, especialmente em áreas em que são importantes para revelar as experiências de grupos não-hegemônicos (Haynes, 2006, 2010; Dambrin & Lambert, 2012) e para refletir sobre experiências pessoais em tempo de crise (Clavijo, 2020), no país, enfrentam ainda certa desconfiança, advinda do crescimento ainda muito recente de pesquisas qualitativas, em outras abordagens, tais como a interpretativa e a crítica. No entanto, sua relevância vem ademais de nos permitir contar a nossa história com a nossa própria voz, de não deixar que ela seja contada por outras pessoas, “a comunicar a sua própria visão de mundo” (Blay, 2004). Esse relato, contado em primeira pessoa, é uma experiência de se apropriar da própria história, para impedir que outros a contem por você.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

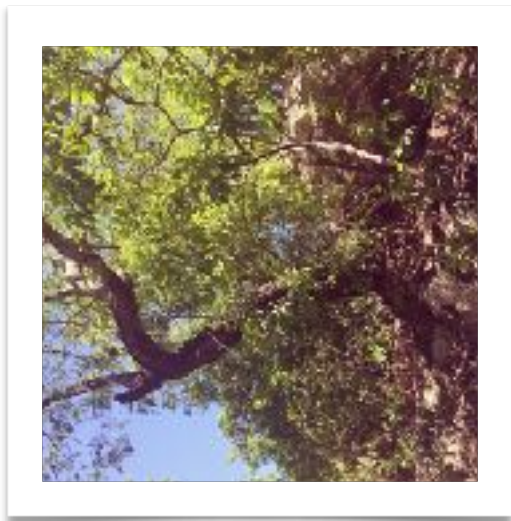
Diversidade e Inclusão no Contexto Organizacional e Contábil (DICOC) / Diversity and Inclusion in the Organizational and Accounting Context

O que eu tenho a dizer: trajetórias que contam

Resumo

Os relatos, histórias orais e registros autobiográficos ainda são raros na literatura em contabilidade e em negócios no Brasil. Apesar de estarem presentes no exterior, especialmente em áreas em que são importantes para revelar as experiências de grupos não-hegemônicos (Haynes, 2006, 2010; Dambrin & Lambert, 2012) e para refletir sobre experiências pessoais em tempo de crise (Clavijo, 2020), no país, enfrentam ainda certa desconfiança, advinda do crescimento ainda muito recente de pesquisas qualitativas, em outras abordagens, tais como a interpretativa e a crítica. No entanto, sua relevância vem ademais de nos permitir contar a nossa história com a nossa própria voz, de não deixar que ela seja contada por outras pessoas, “a comunicar a sua própria visão de mundo” (Blay, 2004). Esse relato, contado em primeira pessoa, é uma experiência de se apropriar da própria história, para impedir que outros a contem por você.

Palavras-chave: Relatos; História oral; Contabilidade; Mulheres.



Resiliência

*A árvore que parece nascer das pedras,
Na encosta de um morro,
E que se enverga na busca do sol.
Encontrada em uma caminhada
feita na busca de avistar
a planície pantaneira.*

A entrada em cena: o início da trajetória acadêmica

O início de minha trajetória acadêmica e, de alguma maneira, meu interesse e dedicação ao tema de gênero em negócios nasceram ambos de uma inquietação e de uma provocação. Estava ainda decidindo sobre que curso superior cursar e pensava em engenharia, entre muitas outras opções. E ao informar meu avô que eu queria estudar engenharia no ITA, ele respondeu enfático, e depois de uma inesperada insistência no assunto, com a frase: “Você não pode! Lá não tem nem banheiro feminino.” Essa questão, de que há alguns espaços proibidos para mulheres, de certa forma começou a me inquietar. Lembro-me de ter perguntado: “Por quê?” Na época o ITA não admitia mulheres em seu vestibular e somente muitos anos depois, em 1996, passou a aceitar candidatas mulheres, e como opção pela carreira militar apenas no vestibular de 1999, para ingresso em 2000. Claro que não sem antes providenciar os banheiros femininos. O interesse sobre o tema de gênero, incomum para alguns em uma escola de negócios, nasce também de uma provocação, pois durante muito tempo, antes que eu mesma me convencesse disso, um querido colega e amigo me dizia: “Você é a pessoa para pesquisar esse assunto!” E por que eu resistia? Ora, essa é uma longa história, que pretendo contar nesse relato. E por isso prometo um relato um tanto incomum.

Incomum pois acredito que, depois de pedir a tantas mulheres para exporem e falarem de suas experiências em tantas pesquisas e trabalhos que tenho desenvolvido depois dessa provocação, me parece justo que eu faça o mesmo. Deixo claro ainda e desde já que tenho feito parte do problema que me propus a analisar. E isso pode para algumas pessoas ser entendido como um viés para a pesquisa que tenho desenvolvido. E até por isso eu me sinto na obrigação de explicitá-lo. Mas apresento-o, na verdade e em meu entendimento, como a lente através da qual tenho examinado a questão.

Antes da entrada cena: interesse por áreas masculinas

Sempre me senti atraída por ambientes e atividades tipicamente masculinos. Lembro-me de quando decidi cursar o ensino médio em exatas. Adorava as aulas de mecânica e me fascinava com a ideia de desmontar um carro. O professor ria e recebia bem esse interesse de uma das raras alunas do colegial em exatas. Mas nunca cumpriu a promessa de me levar para desmontar um carro. Aliás, essa atração por desmontar devo a minha irmã Carla que, desde muito cedo, foi uma eletricista praticante e me envolvia com suas experiências, principalmente no momento de ligar o “treco” na tomada e ver se o conserto havia “funcionado.”

Na faculdade, éramos oito mulheres em um grupo de 50 alunos. Para mim, até que éramos muitas. Muito depois fui perceber que não, que éramos poucas. Lembro-me de que, no trote, fomos “convidadas” a “dirigir” uma enceradeira e que éramos julgadas por quesitos como “comissão de frente,” “evolução,” “bateria,” como se fôssemos escolas de samba, mas com alusões claras ao corpo. Algumas das “piadas” não eram melhores: era um curso de “espera marido” e iríamos subir na vida se arranjássemos um emprego de ascensorista. Também, somente mais tarde, fui entender que não eram “brincadeiras inocentes.”

O curso era de Administração Pública. Apesar das “brincadeiras” dos colegas, éramos um grupo unido e lembro-me de ter bons modelos de professoras, apesar de poucas. Lembro-me claramente de duas: uma especialista no movimento tenentista e que falava com tanta paixão sobre a coluna Prestes que os colegas a diziam apaixonada por Luís Carlos Prestes (de novo em uma alusão ao fato de ser mulher, porque se fora um pesquisador homem seria mais provavelmente entendido como puro interesse intelectual); e a professora de cálculo e de estatística, figura ainda mais marcante pela área não identificada a mulheres.

Antes da primeira cena: a vida profissional antes da academia

Depois de formada, tive uma rápida passagem pela controladoria de um banco estrangeiro, antes de tentar a carreira em auditoria. Foi ao ingressar em auditoria que fui obrigada a feminilizar meu modo de vestir: antes sempre acompanhada de calças jeans e camisetas largas, fui “orientada” a adotar saias. Talvez não pelas razões corretas. Havia um código de vestimenta (dress code) rígido e diferenciado entre sexos: homens de terno (não podia ser “saia e blusa” como chamavam a calça social com paletó) e as mulheres com saias e camisas sociais ou, preferencialmente, o tailleur, correspondente feminino do terno, conhecido em português como “terninho.” Aliás, desde a entrevista com o sócio, ficou claro o desacerto do meu guarda-roupa: sai do estágio no banco direto para a entrevista, de calça jeans, blusa de lã e tênis. Cheguei atrasada. Ao ser chamada para entrevista o sócio me olhou de cima-a-baixo e reclamou de meu atraso, me cobrando uma explicação. Achei que já tinha perdido a vaga e, depois de tanto correr, estava cansada. Respondi, sem pestanejar, firme: “Eu estava trabalhando!” Ele retrucou, demonstrando uma irritação maior: “E o que acha que

estamos fazendo aqui?! Você atrapalhou o meu dia.” Foi uma surpresa quando me chamaram para a contratação.

O início em auditoria foi muito intenso e confesso que reclamei nos primeiros dias. Achei que tinha deixado um grupo amigo na Controladoria do banco, por um ambiente competitivo e tenso. Mas depois, essa sensação mudou, não sei dizer porque ou quando. Lembro-me também, claramente, do treinamento que fizemos antes de começar a trabalhar e de ser chamada para representar uma situação no cliente em um *roleplay*. O sênior responsável pelo treinamento fazia o papel do cliente e eu da auditora. No meio da conversa, ele (o cliente) me chamou para jantar. Pois é, uma situação de assédio cliente-auditora. Lembro-me de ter reagido e negado com irritação e ele deve ter achado a reação suficiente, pois encerrou o teatro.

Apesar de trabalhar em equipes com clientes fora de São Paulo, nunca fazia parte dos grupos que eram escalados para viajar para fora de São Paulo. A justificativa primeiro eram as minhas aulas e a prioridade de eu me formar; depois eram os custos de ter um quarto individual para mim. Lembro de ter questionado algumas vezes e de começar a ser escalada para contagem de inventário. Viajava sozinha, permanecia pouco tempo em cada empresa com atividades muito focadas, mas confesso que adorei! Viajar, conhecer outras pessoas e outros lugares me encantava. Além do fato de assumir novas responsabilidades em exames de auditoria que eram importantes.

Fiz de tudo um pouco em auditoria: indústria, banco, serviços. Ficava pouco no staff, como chamávamos o escritório da empresa. Achava a rotina interessante e motivadora, exatamente por não haver rotina. Chegava cedo, saía muito tarde ou no dia seguinte. Sempre com a equipe. Trabalhar como parte de uma equipe me fascinava. O sênior com quem mais trabalhei era paciente e exigente, uma combinação ideal. Ao passar um trabalho para ser feito, explicava a importância daquele trabalho e o efeito que teria em outras áreas de exame. Era gozador: me chamava de “defensora dos frascos e comprimidos.” Como era boa de garfo, uma característica familiar, me apelidou de “Electrolux.” Mas tinha total disposição para ouvir e responder dúvidas, o que para mim era o mais importante. Uma paciência infinita e um prazer em ensinar. Tornei-me uma adicta em auditoria: vivia e respirava aquele ambiente. Mas decidi que precisava aprender mais sobre contabilidade para avançar na carreira e pensei que, como já havia concluído uma graduação, deveria tentar o mestrado. Quero enfatizar esse ponto: meu interesse no mestrado era aprender contabilidade profundamente para poder ser uma melhor profissional de auditoria. Ponto. Nunca havia considerado, nem em sonhos, seguir a carreira acadêmica.

A entrada em cena: a primeira aproximação com a academia

Tentei primeiro o mestrado na em uma instituição confessional de ensino superior mas foi uma experiência frustrante, porque coincidiu com um longo período de greve. Apesar de os professores do mestrado não suspenderem as aulas, o lixo se acumulava em todas as rampas e a situação me pareceu insustentável. Além disso, trabalhar o dia inteiro e estudar à noite era extremamente desgastante.

Decidi tentar a uma universidade pública de prestígio. Era um sonho quase impossível, mas enfim, o “não” eu já tinha. Nem pensei no problema de conciliação. Nem sequer cogitei que haveria problemas de conciliação. Para mim, era óbvio que meus superiores apoiariam, assim como era lógico que o ITA aceitaria mulheres, afinal era para me aperfeiçoar profissionalmente. Prestei sem muitas expectativas, até por não ter formação em contabilidade. E passei. Minha mãe que deu a notícia: sim, eu tinha sido aprovada no mestrado.

A saída de cena: o conflito entre vida profissional e acadêmica

Bom, também em auditoria não havia banheiros femininos. Ao contar sobre a aprovação a meu gerente, ele me felicitou, analisou a grade, comentou como deveriam ser interessantes disciplinas como teoria da contabilidade ou teoria contábil do lucro, mas que eu deveria falar com o sócio.

Bom, lá fui eu falar com o sócio. Ele falou da importância daquela universidade, de como era forte em contabilidade, mas (de novo o “mas”) fez uma pergunta capital. Eu seria promovida para sênior proximamente e ficaria responsável por equipes. O que eu faria quando houvesse um problema no job e eu tivesse aula? O que eu priorizaria: a equipe ou a aula? Era uma pergunta irrespondível. E apesar de toda minha paixão pela auditoria, não quis abrir mão de estudar na USP que se parecia um sonho que havia se tornado realidade. Comecei a procurar um emprego que pudesse conciliar com o mestrado, pois não queria parar de trabalhar.

Voltei a trabalhar na controladoria de um dos grandes bancos brasileiros. Um banco que me garantia a disponibilidade de tempo e dedicação para fazer o mestrado. Um banco que valorizava a formação de seus colaboradores. Um banco cuja controladoria era reconhecida como uma escola, da qual eu ouvia desde que havia estagiado na controladoria do banco estrangeiro, logo no início de minha carreira, e com muita admiração. Agora parecia que seria possível conciliar o mestrado com uma atividade profissional. Só que não, eu estava enganada.

Primeira cena: a vida acadêmica começa

Cheguei atrasada na aula inaugural. O banco era distante do campus da universidade. As demandas de trabalho eram grandes. Eu já tinha o privilégio de ter sido contratada no banco fazendo mestrado, enquanto muitos dos que já trabalhavam lá há anos esperavam uma indicação para então ter a oportunidade de poder concorrer entre os outros indicados à essa possibilidade de fazer o mestrado. Era vista como uma privilegiada.

No mestrado, as demandas também eram grandes. Ainda mais para alguém que não tinha formação na área de contabilidade. A carga de leitura e trabalhos era intensa. Não havia final de semana livre. Tive a sorte de ter colegas de grupo sempre muito dedicados e com formação em contabilidade, alguns com muitos anos de experiência profissional na área. Mesmo assim, se as cordas puxavam para os dois lados, de um lado para as atividades acadêmicas e do outro para as atividades profissionais, quem era responsável por resistir (ou desistir) era eu.

Eu era uma das duas mulheres na turma. A colega desistiu. Fiquei como única mulher da classe. O grupo era alegre e motivado. Tivemos a sorte de contar com um ou dois colegas que davam o tom dessa alegria. Em algumas disciplinas, lembro-me de termos no grupo de colegas alunos fazendo doutorado. Foi assim que tive meu primeiro contato com pessoas que se tornaram minha referências. Lembro-me de ficar admirada com o nível da discussão que estabeleciam com os professores em temas que para mim ainda eram muito distantes. Penso que foi isso que me despertou para a possibilidade de fazer o doutorado.

Logo me vi me cobrando de não estar fazendo nada direito: nem meu trabalho no banco, nem o mestrado. Comecei a pensar em me demitir. Minha família, que valorizava muito o estudo, apoiou inteiramente. Eu ainda morava na casa de meus pais e, mesmo que não conseguisse bolsa ou alguma atividade de pesquisa remunerada, conseguiria me manter. Mas não era uma situação que me agradava. Desde que tinha

começado a trabalhar, no segundo ano da faculdade, tinha sentido o gosto da independência e tinha gostado. Bem, mas se há sacrifícios a serem feitos... sacrificaria a minha independência.

Ao me dedicar totalmente ao mestrado logo apareceram duas oportunidades: a primeira de participar de uma pesquisa junto à uma fundação de pesquisa; e depois uma bolsa Capes.

Mais algum tempo se passou e, um dia, na rampa do prédio principal da faculdade, e um professor me pergunta se eu gostaria de assumir uma turma no graduação como voluntária. Respondi prontamente que sim! Ele me levou imediatamente à coordenadora do curso de graduação, e disse: “Acho que resolvi seu problema.” Ela olhou para mim, e respondeu: “Você não vai ser mais uma a casar, engravidar e me deixar na mão, vai?!”

Um dia revivi essa conversa com a colega. Ela não se lembrava e estranhou mesmo ter dito. Mas eu me lembro como se fosse ontem, exatamente assim, até das palavras. Na época o departamento, contava apenas com quatro professoras. Haviam estado no departamento, mais duas. Eram poucas. Ou melhor, éramos poucas. Mas essa não era uma situação desconfortável para mim, estar em um ambiente com poucas mulheres já era uma constante em minha trajetória. Ficávamos em uma sala comum, todos os professores novos e pesquisadores da fundação e dividíamos uma mesma mesa. Havia um banheiro feminino no início do corredor da Contabilidade, que ficava trancado e a chave ficava na secretaria do departamento.

Um parêntese sobre a fundação. Logo que cheguei ao departamento, a fundação era pequena e ficava restrita a uma sala em que os três funcionários administrativos cuidavam de tudo. Havia ainda uma assistente de curso. Era o único curso mantido pela fundação e apenas com turmas fechadas. Tinha iniciado na década de 1970, sendo um curso pioneiro no país. Nessa época, a diretoria administrativa da fundação era ocupada por uma professora que, em dado momento, nos procurou (pesquisadores da fundação) para falar da intenção de haver um quadro permanente de pesquisadores vinculados. Entendemos que era a indicação de que comporíamos esse quadro. Mas, que eu me lembre, essa situação não chegou a se estabelecer. Por outro lado, apareceu para mim outro convite concreto, o de implementar, juntamente com um professor, o projeto de um curso aberto de especialização. O projeto estava cuidadosamente detalhado em termos de justificativa, público-alvo, grade curricular, ementa das disciplinas. O convite partiu de um professor que, em poucos minutos, ainda preparou um estudo sobre a estrutura de custos e de preço do curso. Minha animação chegou às alturas, só recebendo um balde de água fria quando ouvi de alguém, um colega homem, que talvez tivessem pensado em mim para “secretariar” a implementação do curso.

O lançamento foi um sucesso, iniciando com duas turmas e seguindo-se por uma série de outras oportunidades e desafios: as turmas fechadas com bancos e empresas; as turmas abertas em outras cidades. Participei do planejamento, negociação e implementação de algumas dessas turmas que foram coordenadas por colegas.

Segunda cena: o interesse pela publicação, pela pesquisa e por experiências internacionais

Na continuidade do mestrado, muito aconteceu na vida acadêmica: o primeiro artigo no Encontro Nacional da Associação de Programas de Pós-Graduação em Administração (EnAnpad), e co-autoria com uma colega de departamento; um estágio na Bélgica e Comunidade Europeia; a definição do orientador e do tema da

dissertação.

Após o retorno do estágio no exterior redobrei o interesse pela pesquisa relacionando empresas de pequeno porte e a contabilidade, que culminaram na apresentação da dissertação de mestrado. Da dissertação originou-se um artigo, com quase 200 citações no GoogleScholar. O tema escolhido para a dissertação era estudar o relacionamento entre a Contabilidade e a Pequena Empresa. Tinha direta relação com o projeto desenvolvido durante o estágio na Bélgica e também atendia a um interesse pessoal. Quando disse a meu orientador que esse seria meu tema, ele aceitou prontamente. Vejo, agora, que foi uma atitude corajosa. Era um tema marginal, que nunca obtivera muita atenção e que alguns professores abertamente desaconselhavam. Assim, meu referencial bibliográfico foi composto principalmente por livros, muitos traduzidos, classificados como livros de autoajuda. Também me valeram muito o material que trouxera do estágio no exterior, onde o interesse pelo tema seguia o caminho contrário, alcançando muito interesse acadêmico, governamental e de instituições de fomento e, é claro, as conversas com especialistas que não tive o cuidado de documentar apropriadamente na dissertação. Apesar de o mestrado ter terminado de forma atribulada, a defesa foi muito tranquila, presenciada pelo meu filho com poucos meses de vida e por minha mãe.

Terceira cena: a vida pessoal se impõe; o doutorado começa

Na vida pessoal o ritmo não foi mais lento: o casamento, a mudança para o interior, a gravidez de risco, o nascimento prematuro de meu filho. Eram muitas as emoções. Concluí o mestrado levando quase 70 meses, ou seja, seis anos. Os colegas que concluíram no menor tempo levaram quase quatro anos. De qualquer forma, eu já começava a sentir que minha carreira avançava a passos de tartaruga manca, muito lentamente, claudicante.

O doutorado iniciou na sequência, sem pausa para respirar ou tempo para pensar, refletir e, talvez, esperar ou desistir. Foram créditos cursados, já exercendo a função docente e agora com um filho pequeno. Ao mesmo tempo, mantinha minha vinculação com a fundação e uma decisão, não muito racional, agora eu vejo, de morar em cidade do interior, 60 quilômetros distante do trabalho. Portanto, eram 120 quilômetros diários para vir ao trabalho e retornar para casa, além da angustiante distância do filho. No doutorado, o convívio com os colegas dependia do grupo que se formava a cada disciplina. Não me sentia parte de uma turma, como havia sido no mestrado. As disciplinas passaram de forma muito rápida. A sensação era de uma corrida com obstáculos. A presença dos colegas nas disciplinas aliviava o fardo, mas não a correria. Sentia-me sempre correndo, atrasada, insuficiente. Enquanto cursando os créditos, havia com os colegas de disciplina um compartilhamento de angústias e de vitórias. O que eu não havia desejado no mestrado, a razão de eu ter abandonado a vida “profissional” para não ter a sensação de não estar fazendo nada com a dedicação necessária, era uma constante, isso apesar de toda a minha rotina estar concentrada em atividades na universidade.

Demorou muito para me ocorrer que eu não estava fazendo o doutorado com a dedicação exclusiva. Trabalhar onde se estuda causa esse tipo de ilusão. Mas como eu tinha colegas que faziam o mesmo e não pareciam sentir o peso, não me sentia confortável em explicitar meus sentimentos ou mesmo pedir ajuda. Demorou mais ainda para eu tomar conta de que a minha situação e a dos meus colegas, a maioria homens, não era, exatamente, equivalente.

O doutorado foi completado no período de 5,6 anos. Uma marca bastante melhor do

que a do mestrado, apesar de ainda superior à média dos colegas de doutorado (4,8 anos). Defendi a tese em outubro de 2002, com minha filha pequena, de poucos meses, nos braços, nascida depois de outra gravidez de risco. Meu filho tinha seis anos e estava correndo pelo corredor da faculdade enquanto acontecia a defesa. O tema? uma técnica matemática aplicada à análise de demonstrações contábeis-financeiras. O orientador, o mesmo do mestrado.

Mais uma vez um tema novo, emprestado de outra área, ainda pouco difundido em contabilidade. Quando falei a meu orientador sobre esse tema, ele disse que estava de acordo, desde que eu buscasse apoio em um professor da área de matemática e estatística. Foi o que eu fiz, apesar de que, mesmo contando com essa inestimável ajuda, tanto a qualificação quanto a defesa foram difíceis, tendo em vista o desafio de unir temáticas de áreas distintas. O professor que me emprestou toda a ajuda ocupava então um (temido) cargo na universidade. Para mim, foi uma presença acolhedora e uma ajuda inestimável. Foi ele quem me chamou para conversar depois da qualificação. Somente não estive na defesa por conta de um problema de saúde que o levou a uma internação de emergência. O professor que o substituiu, apesar de ser do mesmo departamento, não economizou nas críticas, nos comentários “jocosos” e depreciativos ao trabalho. Foi minha primeira experiência com a incivildade acadêmica.

Hoje a tese está entre as mais baixadas no portal digital da universidade, com quase 27 mil downloads, sendo um dos trabalhos mais baixados na área de conhecimento de “Controladoria e Contabilidade: Contabilidade”. A base de teses e dissertações tem mais de 100 mil teses e dissertações cadastradas. A tese tem mais de 200 citações no GoogleScholar e o artigo derivado da tese, mais de 70 citações. São dois dos meus trabalhos com maior número de citações no My Citations, intercalados pelo artigo derivado da minha dissertação de mestrado. Assim, parece que, se citações são medidas adequadas de impacto de um trabalho acadêmico, a dificuldade valeu a pena. Mas precisava ter sido assim? Essa é uma pergunta que me persegue, e que talvez repercuta nas trajetórias de outras pessoas na academia em contabilidade.

Quarta cena: ingresso na pós-graduação

A carreira na Universidade evoluía. Em 2003, fui chamada pelo coordenador do programa para “reativar” a disciplina de Metodologia de Ensino Superior. O professor me deu o desafio e me mostrou o “caminho das pedras:” para garantir o sucesso dessa empreitada, apresentou-me uma professora responsável por uma disciplina de grande sucesso na Faculdade de Educação, e convidou-a para nos ajudar nesse projeto.

Esse foi um daqueles momentos na vida em que aparece uma oportunidade única. A convivência com a professora era riquíssima e assisti-la em sala de aula, um presente. Não foi uma fase fácil de minha vida em termos particulares e familiares, mas parecia que um anjo havia oferecido um alento para que eu seguisse. Foram três anos acompanhando a professora, até que eu assumisse a disciplina. Nesse período, ouvi interessada a professora falar, com grande entusiasmo, do projeto de implantação de um campus da universidade em outra região da cidade. Foi excelente ainda ter esse modelo de mulher acadêmica, sempre voltada para novos projetos, demonstrando uma energia inesgotável, sem medo de briga.

Estou responsável por essa disciplina desde então e a tenho conduzido com a participação majoritária dos alunos ingressantes com interesse em docência e com um entendimento de que a formação docente é necessária para o exercício da profissão. Tenho lançado, nas últimas ofertas da disciplina uma proposta de as pessoas

participantes desenvolverem um projeto de pesquisa e tentarem escrever um artigo com base nele, em duplas. Para algumas pessoas essa é a primeira experiência de pesquisa, algo que está relacionado pode estar relacionado ao tema de dissertação e que pode servir como um laboratório, um treino, para quando for a hora de desenvolvê-la de fato. Por outro lado, é uma oportunidade de colocarem em prática alguns dos tópicos discutidos na disciplina. Tenho tido gratas alegrias com essas “experiências.” Diversos dos artigos desenvolvidos foram aceitos em congressos e, posteriormente, publicados. É gratificante ver aparecer e frutificar o genuíno interesse por pesquisa.

Quinta cena: a perda, o luto, o desespero

Em 2003, em uma trágica sequência de erros médicos, perdi minha filha, ainda bebê. Foi um período muito difícil, um vácuo em minha vida, que só a família e o trabalho puderam ajudar a suportar. Mas, como minha avó dizia para ressaltar nossa resiliência e capacidade de recuperação: “Somos baratas cascudas!”. E depois de chegar ao fundo do poço, fui voltando para poder retribuir o amor e dedicação daqueles que cuidaram de mim. Também nesse período me separei, terminando um relacionamento de 12 anos que havia se iniciado com o mestrado.

Como o bom filho a casa torna, em 2004 voltei à escola onde me graduei, para realizar o pós-doutorado em métodos quantitativos aplicados à contabilidade. A ideia da pesquisa era utilizar a técnica adotada na pesquisa do doutorado para apontar os melhores em ser piores. A orientação foi de um professor com quem eu compartilhava a mais dura experiência de vida que alguém podia ter: a de perder um filho. O professor perdera seu filho jovem, recém-formado, cheio de sonhos. Conversávamos sobre tudo, inclusive sobre a pesquisa.

A escola vivia uma época de transição, com muitas mudanças, algumas muito difíceis. Não foi fácil ver a escola passar por esse período, testemunhá-lo. Mas foi muito importante trilhar uma parte do caminho com o professor que supervisionava a minha pesquisa. Ajudou a curar algumas feridas, algo que uma palavra em inglês reflete como nenhuma outra em português: *healing*. É dele a frase a que sempre recorro quando procuro dar conforto a alguém que precisa: “A vida traz suas compensações.”

Foi isso que ele me disse quando me descobri grávida da minha terceira filha, meu presente. Foi isso que eu pensei quando ele me disse que teria uma neta. É, a vida traz as suas compensações. Sim, como traz. Terminei o pós-doutorado em 2008, após ganhar minha filha. Na dissertação, um filho. Na tese, uma filha. No pós-doutorado, outra filha. E uma carreira que andava a passos de tartaruga manca, ainda claudicava, mas seguia, sem desistir nunca, porque afinal como diz um querido amigo meu: “Uma tartaruga manca com a casca mais dura de barata que eu já conheci!”

Quando falo em tartaruga manca pode parecer exagero. Mas se eu fizer uma comparação de minha carreira com a de meus colegas homens, a tartaruga será manca de duas patas. Se eu comparar com planos que fiz para minha carreira, estimulada pelos muitos processos de consulta aos docentes para planejamento estratégico que tivemos no departamento, portanto comparando-me a minhas próprias expectativas de carreira, a tartaruga continua manca.

É que, mesmo quando eu planejava, esquecia-me, invariavelmente, de que eram poucos os banheiros femininos na carreira acadêmica e, às vezes, permaneciam trancados. Os ritos e os direcionadores estão todos ligados a indicadores de produtividade bem mais difíceis de serem alcançados por mulheres. Se não houver um ambiente de cooperação e colaboração, que só vim conhecer mais tarde na minha

carreira, fica praticamente impossível. Falhar se torna uma profecia autorrealizadora. E o “sucesso” só vem à custa de muito sacrifício, pessoal e familiar. Ou um “sucesso” com uma aceção muito particular, que comporta muitos fracassos em outras dimensões que não a profissional.

Sexta cena: projeto de educação à distância, primeiras orientações, primeiros projetos institucionais

Ingressei na equipe de coordenação do projeto de educação à distância da fundação, liderada por um colega professor. O projeto, estratégico, visava oferecer cursos de curta duração para profissionais da área, em todo o país. Foi essencial em 2008, quando a promulgação da Lei 11.638 provocou uma nova revolução contábil no país, que levou à necessidade urgente de uma ampla reciclagem dos profissionais. Em convênio com o Conselho Federal de Contabilidade, na época liderado por uma mulher, o programa foi responsável pela disponibilização de uma palestra virtual que apresentava as principais alterações trazidas pela Nova Lei, assistida por mais 10 mil pessoas no período de agosto a outubro de 2008.

Outros números do projeto que são importantes de citar: 38 cursos abertos produzidos; 21 cursos abertos em operação; 10.654 alunos formados nos cursos abertos; 42 turmas de cursos de extensão, com 1.792 alunos participantes e 1.200 alunos formados. O projeto envolveu 30 professores-autores e 30 professores-tutores, considerando professores do departamento, especialistas e alunos da pós-graduação. Conclui minha participação nesse projeto em 2015, dez anos depois de iniciado, quando ele ingressa em uma nova fase e, a pedido do colega, eu deixo a coordenação conjunta. Nesse ano estava em um período de visiting scholar junto a universidade estadunidense como detalharei mais adiante.

Minha primeira orientação de mestrado foi concluída em 2006: de uma professora que com persistência e tenacidade, não desistiu do tema que trazia desde sempre, apesar de muitos conselhos em fazê-lo. A segunda orientação de mestrado foi concluída em 2007 e era do Mestrado Profissional de um instituto de pesquisas. A candidata me procurou por conta de minha tese de doutorado e, mais que prontamente, atendi ao chamado. Eu tinha uma identificação emocional com o instituto, em função dos muitos anos que meu avô havia dedicado a ele. Chegar ao prédio histórico do instituto para a defesa de minha segunda orientanda teve um valor especial para mim. Sentimento de trajetórias que se interconectam e que se cruzam.

Em 2008, dois acontecimentos importantes na atuação junto à fundação: o redesenho do curso de especialização e a celebração da parceria com uma associação profissional para oferecimento do curso; e o relançamento de um outro curso de especialização, a partir de estudos feitos com um professor extremamente reconhecido. O relançamento do curso foi um estrondoso sucesso.

Em 2009, conclui a primeira coorientação de doutorado, em conjunto com um colega, de uma professora da uma universidade estadual de outro estado. Um trabalho interessantíssimo e pioneiro ao tratar da avaliação de programas em contabilidade. A experiência da coorientação foi excelente no sentido de dar segurança. Existe um rito de passagem entre o papel de orientando e de orientador que, em minha opinião, não recebe muita atenção. E a figura da coorientação poderia ser mais bem utilizada como etapa auxiliar na formação do orientador que, a meu ver, não está representada de nenhuma outra maneira na formação em pós-graduação, quer seja no mestrado, quer seja no doutorado. O colega tinha um longo histórico de orientação e tinha recém-chegado de seu segundo doutorado no exterior (aliás uma boa parte desse processo de

orientação se deu com ele ainda no exterior, com o auxílio da tecnologia, bem antes da explosão desse recurso na pandemia). Para mim, foi uma grande oportunidade participar dessa orientação antes de me lançar sozinha.

Em 2010, também em coautoria com esse colega, e tendo como objeto o projeto de educação à distância do que participávamos conjuntamente, a primeira publicação em periódico internacional.

Ainda nesse ano, fruto de duas outras parcerias com esse colega, a primeira participação no European Accounting Association Congress. Esses trabalhos têm ainda um valor especial por serem frutos de trabalhos de conclusão de cursos (TCC) que orientamos no curso de graduação em Contabilidade, com duas pessoas que foram nossos estudantes, e que hoje professores. Um deles cursando o seu PhD em um universidade estadunidense e outra, após concluir o doutorado em Psicologia, depois de uma passagem pelas artes dramáticas, hoje professora em uma universidade federal e líder de um ativo grupo de pesquisa.

No final de 2010, fui eleita coordenadora adjunta do programa de pós-graduação, em dupla com um colega professor, que se tornou coordenador e fora anteriormente coordenador adjunto. Assumimos e recebemos a notícia da promoção do programa à nota 6 da Capes, fruto de um trabalho sério, levado a cabo ao longo de muitos anos.

Na sequência, em 2011, como coordenadora adjunta do Programa de Pós-graduação, fiquei encarregada da submissão da proposta de um Doutorado Interinstitucional. A proposta foi aprovada e assumi a coordenação do Dinter no início de 2012, tendo como vice-coordenador o colega que estava coordenador do programa, em nossa primeira troca de cadeiras. O Dinter se estendeu pelo período de 2012-2016, tendo imenso sucesso e resultando na conclusão do doutorado por todos os professores admitidos no convênio, ligados a três universidades públicas de um outro.

Em 2011, tive a primeira defesa de uma orientação de doutorado, de um professor de uma universidade federal e um de meus maiores parceiros em pesquisa. Uma parceria que se prolonga e frutifica, pois em 2014 recebemos a notícia da aprovação de um projeto de pesquisa conjunto com a uma colega também daquela universidade, concluído em 2016 e que deu origem a um livro lançado em 2017, sobre o qual falarei mais à frente, porque faz parte de outro capítulo. A universidade de vínculo desse orientado mantém um programa de pós-graduação em contabilidade, oferecendo mestrado e doutorado. Penso que estamos cumprindo nosso papel de centro de formação e de disseminação da pesquisa em contabilidade no país. Nessa orientação, aquele colega que foi orientador em minha primeira experiência de orientação e eu trocamos de papel, ele na coorientação e eu na orientação.

No mesmo ano, em julho, participei do programa de formação em ensino centrado no participante em uma renomada universidade estadunidense. Esse colóquio tinha o objetivo de discutir a utilização do método de ensino com casos. Teve uma segunda parte em 2012 quando foram discutidas estratégias para a elaboração de casos de ensino.

Naquele ano, fui indicada como coordenadora adjunta de uma iniciativa motivada em pensar o ensino em negócios e o futuro, com professoras colegas de outros departamentos da faculdade. Nessa iniciativa tivemos a oportunidade de pensar e propor ações importantes para a formação de estudantes, considerando as mudanças que estão ocorrendo e que ocorrerão. Por conta dessa iniciativa, participei como ouvinte da Comissão de Graduação da minha unidade.

Sétima cena: perdas profissionais, redirecionamentos, novas oportunidades

Também em 2011, uma perda profissional. Depois de um processo de mudança desgastante na fundação, deixei a diretoria de cursos que ocupei em vários mandatos. Ao deixar a diretoria, redirecionei projetos, ideias, esforços integralmente para a faculdade, para o departamento. Percebi o quanto minha imagem estava relacionada à fundação; por isso, posso dizer que foi uma guinada profissional, pelo menos em certo sentido. Saí com alguns resultados colhidos: o primeiro curso de especialização que completara, em agosto de 2017, 23 anos do lançamento de suas duas primeiras turmas. O relançamento do curso de especialização que continuava sendo o carro-chefe em termos de procura. Considerando as turmas em que me envolvi com a coordenação, somavam-se, para o primeiro, até 2014, 38 turmas abertas e duas fechadas, com 662 formados; para o segundo, eram 15 turmas, com 156 formados. São números bastante interessantes e que demonstram resiliência e persistência.

Em dezembro de 2011 iniciou-se uma experiência de parceria com uma universidade federal, em um programa nacional de cooperação nacional (Casadinho/PROCAD), com apoio da CAPES. O projeto formalizava uma parceria entre o programa de pós-graduação de uma instituição consolidada, com o programa de de instituição não consolidada e executora. À época, a aquela universidade era a única instituição do de seu estado-sede a ofertar o curso de pós-graduação stricto sensu em Contabilidade, e atendia estudantes de todo o país, mas, essencialmente do próprio estado. Porém, na avaliação trienal 2007-2009, o programa tivera atribuído o conceito 2, reconsiderado para nível 3 após arguição da coordenação e equipe, evidenciando a relevância da parceria. O Casadinho/Procad foi uma oportunidade de traçar um caminho rumo à sua efetiva consolidação por meio de missões de estudo, docência e pesquisa, bem como estágio pós-doutoral. Buscou o fortalecimento da linha de pesquisa contabilidade gerencial, bem como a criação da linha de ensino e pesquisa em contabilidade como um plano de médio prazo, que ainda não se concretizou.

Em 2012, houve segunda troca de cadeiras com o colega na coordenação da pós-graduação, em que fomos eleitos coordenadora e coordenador-adjunto. Cheguei à coordenação com as responsabilidades de submeter o relatório de encerramento de triênio à avaliação da Capes e de concluir o processo de readequação regimental do programa na universidade. Sim, parece que me couberam sempre períodos de transição e mudança. A aprovação do novo Regimento de Pós-Graduação da universidade ocorreu após longo processo de discussão de mudanças que sinalizavam a visão de futuro, tendo como principais bandeiras a internacionalização, a formação de líderes e o impacto social. Liderado pelo pró-reitor de pós-graduação, depois vice-reitor e agora reitor da universidade, indicava novas direções para a pós-graduação, com aumento da importância relativa do doutorado, no eixo acadêmico, tendo ao lado um incentivo para a criação e implementação de mestrados profissionais.

O programa, tendo em vista esse cenário, passou pelo redesenho de sua estrutura curricular, com mudança do processo de ingresso e implementação de fases intermediárias de avaliação do andamento do projeto de pesquisa e do desempenho no programa, com a possibilidade de promoção, no caso de mestrado, para o doutorado direto. O processo de discussão do redesenho foi intenso e houve resistências e rachaduras. Por mais que eu tente relacionar as resistências e cisões à própria natureza do processo, às vezes tenho a sensação de que existe relação com o fato de ser a primeira mulher na coordenação. Mas está aí algo difícil de se encontrar evidências concretas, para negar ou confirmar.

Em 2012, apresentei solicitação de apoio financeiro à Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES, em Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, para um projeto de pesquisa

em gênero, ciência e contabilidade. Fomos contempladas com verba para desenvolver a pesquisa. Foi o primeiro projeto de pesquisa com financiamento externo aprovado que tive para tratar de gênero e raça, em a parceria com uma mestrando e uma doutoranda e com um professor internacional. Esse projeto financiado foi o primeiro produto daquela provocação que abriu a primeira cena. O projeto, que foi concluído em 2015, originou a minha tese de livre-docência, uma tese de doutorado, talvez a primeira da área de contabilidade a tratar do tema de raça, e uma dissertação de mestrado, que tratou da percepção de sucesso de mulheres auditoras, além de uma monografia de conclusão de curso. Um segundo produto foi um artigo publicado, baseado em entrevistas com coordenadores e pós-graduadas, utilizando a lente do gênero para responder a pergunta se haveria arranjo que privilegiasse a participação de mulheres. Esse artigo foi o primeiro resultante dessa pesquisa, mas não foi o primeiro sobre o tema. Houvera um trabalho anterior apresentado no Seminários em Administração em 2007, em parceria com colegas, trabalho que tratou do perfil dos estudantes de MBA, procurando identificar diferenças entre homens e mulheres. Ainda em 2012, em junho, participei de um estágio de pesquisa junto à escola de educação e desenvolvimento de pessoas, de uma universidade estadunidense, com apoio financeiro do Pró-Reitoria de Pós-Graduação. No período foram realizadas diversas entrevistas com acadêmicas de várias áreas e diferentes instituições como etapa da pesquisa “Gênero e Ciência.”

Oitava cena: gênero entra no currículo e em eventos da área, articulando a criação de um núcleo de pesquisa

Em 2013, tivemos dois fatos marcantes nessa linha de pesquisa: a oferta de disciplinas sobre gênero e feminismo no programa de pós-graduação, vistas com certo ceticismo por muitos colegas; e a organização de um painel sobre a presença de mulheres em áreas predominantemente masculinas em um importante congresso, iniciativa que contou com o apoio entusiasmado do então coordenador do evento. As disciplinas oferecidas foram gênero em educação superior e feminismo, filosofia, teoria e vida, com professora e professor parceiros de universidades estrangeiras.

O painel ocorreu em 26 de julho e contou com a participação de 364 congressistas. Foi presidido por uma ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários, em uma intermediação de contato feita por professores do departamento.

Em abril de 2013 fui eleita vice-presidente da Comissão de Pós-Graduação, tendo como presidente uma colega de outro departamento, em um momento de transição de regras, tendo em vista a aprovação do novo Regimento de Pós-Graduação da universidade.

Em 3 de outubro de 2013, como esforço de um grupo comprometido e motivado, é lançado o um núcleo de pesquisa em gênero e raça, idealizado por graduandes, pós-graduandes, pesquisadores e docentes da faculdade e da universidade, e com o objetivo de incentivar discussões sobre gênero e raça, fomentando reflexões, pesquisas, publicações e propostas para a sociedade. Sua gênese foram as turmas das disciplinas, pioneiras em um programa de pós-graduação da contabilidade e já mencionadas.

O lançamento contou com um painel de especialistas discutindo o tema e com a exibição de um documentário sobre as dificuldades de mulheres de todo o mundo em terem acesso à educação. A abertura foi feita pelo diretor da faculdade. O painel teve a participação do chefe do departamento e de especialistas na temática de outras unidades e do mercado profissional.

O núcleo está registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e com três diferentes linhas de pesquisa. O foco inicial foi desenvolver pesquisas e projetos com essas temáticas. Em 2016, em conversas no grupo, passamos a sentir a necessidade da inclusão do S referindo-se a estudos sobre sexualidade.

Essa necessidade surgiu por enxergarmos o núcleo não somente como um grupo de pesquisas mas, também, como um espaço de apoio e acolhimento a grupos não-hegemônicos, oprimidos e marginalizados. Assim, concluímos que não poderíamos falar de gênero e raça e não falar das interseccionalidades que se conectam aos temas de que tratamos.

O grupo é composto por um grupo diverso, com representantes de diferentes áreas do conhecimento, em diversos estágios de sua formação que pretendam estudar ou estruturar ações relacionadas à gênero, raça e sexualidade sob diferentes perspectivas. Conta, ainda, com a colaboração dos professores e professoras de outras universidades, no Brasil e no exterior, nos projetos e ações que tem desenvolvido desde o seu surgimento.

Nona cena: adiamentos, concursos e conflitos

Em Março de 2013 foi submetida uma solicitação para Visiting International Scholar (Research Assistant) junto à escola de educação e desenvolvimento humano de uma universidade estadunidense. O aceite ao pedido foi informado em Abril de 2013, para o ano acadêmico de 2013-2014.

Tendo em vista as mudanças que estavam ocorrendo no Regimento de Pós-Graduação da universidade e o fato de que eu ocupava o cargo de coordenadora do programa de pós-graduação foi-me pedido pelo diretor da faculdade e pelo chefe de Departamento, que eu adiasse os planos de início do pós-doutorado. Uma reunião formal para comunicar a necessidade de adiamento foi realizada entre o chefe de departamento e a coordenadora de iniciativas internacionais e extensão da escola. O início foi alterado para o ano acadêmico de 2014-2015.

Com o adiamento, concentrei esforços para concluir a minha tese de Livre-Docência. Esse trabalho, fruto da pesquisa inicial que surgiu em 2011, com o exame de programas especiais de mestrado, avançou para o questionamento de quais fatores explicavam a raridade das mulheres nos postos mais altos da carreira na academia em contabilidade. A tese, concluída em fevereiro de 2014, foi defendida em maio do mesmo ano.

A banca foi presidida pelo professor diretor da faculdade e composta por professoras das áreas de sociologia, psicologia da educação, contabilidade e, também um professor do departamento de economia da faculdade. Uma das alegrias que tive foi contar com a única professora titular em contabilidade no Brasil que eu não conseguira entrevistar para a minha pesquisa, agora ali, na banca. Outra alegria foi ter uma banca majoritariamente feminina, como não havia tido a oportunidade de ter em minha carreira; e interdisciplinar, como sempre a quis. E, uma última alegria, foi ver a banca em peso explicar porquê era importante em contabilidade a pesquisa sobre gênero.

Mas as alegrias terminaram por aí. O início do concurso foi dramático, pois problemas no aeroporto impossibilitaram o embarque de uma professora como planejado. Quase pensei em desistir, mas uma outra banca, composta por amigos queridos me impediu de sequer pensar em pôr meu plano de desistência em ação.

O concurso transcorreu como podia, com o peso psicológico maior do que teria e, também, com uma temática e uma forma muito própria de fazer seu registro escrito que fez uma pessoa da banca reclamar que “teses não são para emocionar” e outras

duas pessoas divergirem das músicas que abriam cada um dos capítulos da tese, uma dizendo que repercutiam o que depois o capítulo trataria e outra questionando “porquê diabos estavam essas músicas ali”. A apenas uma dessas músicas de abertura quero fazer menção aqui: a música “Volta por cima” de autoria de Paulo Vanzolini. Faço essa menção apenas para agradecer imensamente, não ao mestre, mas sim a uma amiga e companheira de caminhada, filha do mestre, a mulher de fibra e advogada competente, uma dessas parceiras que a vida nos traz.

Chorei
Não procurei esconder
Todos viram, fingiram
Pena de mim não precisava
Ali onde eu chorei
Qualquer um chorava
Dar a volta por cima que eu dei
Quero ver quem dava
Mulher de moral
Não fica no chão
Nem quer que ninguém
Lhe venha dar a mão
Reconhece a queda
E não desanima
Levanta, sacode a poeira
E dá a volta por cima

Terminado o concurso e aprovada a tese, era hora de retomar o plano do estágio no exterior. Para viabilizar o período de permanência no exterior foi submetido um pedido ao projeto Estágio Sênior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em dezembro de 2013. O aviso de concessão foi expedido em 17 de junho de 2014, para o período de agosto de 2014 a julho de 2015.

O objetivo do período de pesquisa era o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que examinasse a presença e a trajetória das alunas e egressas do programa de pós-graduação, sob diferentes perspectivas, buscando entender desde sua decisão por cursar o pós, passando pela inserção na academia e pela análise de sua progressão na carreira. Assim, minha intenção era identificar pontos convergentes e divergentes, que permitissem concluir a respeito de forças impulsionadoras e barreiras, bem como sobre estratégias de sobrevivência, enfrentamento ou contorno. Essas experiências de mulheres brasileiras na área seriam confrontadas com a literatura sobre o tema e com entrevistas efetuadas com acadêmicas de diferentes áreas do conhecimento e diferentes instituições efetuadas durante estágio realizado no exterior. Esperava-se assim obter evidências identificar os fatores intervenientes que auxiliem a compreender a inserção, presença, a permanência e a ascensão a posições-chave de mulheres na academia no Brasil e nos Estados Unidos.

Logo na chegada, em um encontro inesperado da lavanderia do residencial de estudantes e pesquisadores internacionais, conheci uma colega, ecóloga formada por uma universidade federal, cursando o doutorado naquela universidade. Ela rapidamente me apresentou a um grupo relativamente grande e unido de brasileiros que se tornaram minha família no exterior. Os laços de vínculo construídos nesse grupo se reverteram em uma pesquisa sobre estudantes internacionais sob a condução de professor. Reaproximei-me ainda de um amigo, a quem já citei e que havia sido intercambista pelo convênio FIPSE-CAPES mantido pela entre universidades brasileiras

e estadunidenses.

Décima cena: retorno, novas perdas profissionais e novos projetos

No retorno, depois do período no exterior, mais uma perda profissional. Vinha cheia de projetos para o departamento e para a fundação, com a qual ainda mantinha o vínculo de coordenação dos cursos. Chamada para uma conversa com o presidente, sou comunicada de uma série de mudanças que se pretendia implantar, resumidas em um papel escrito a mão, como se fossem os Dez Mandamentos, que ele tirou do bolso durante nossa conversa. Por conta de um destes mandamentos, que já não me lembro mais qual era, uma colaboração de 20 anos se encerrava ali, naquela noite, com o convite da diretoria para que eu me retirasse da coordenação dos cursos da fundação. Confesso que ainda demorei para entender. Mas depois, vi que fazia muito sentido.

Eu chegara à fundação ao mesmo tempo que um professor assumia a presidência. Permaneci ao seu lado por esses anos todos, em tantos projetos. Hoje vejo que teria mesmo dificuldade de continuar frequentando o prédio que ele tanto lutou para concretizar a compra, que leva seu nome, sem poder encontrá-lo por lá. Além disso, sei que se for à fundação de agora, não a reconhecerei, nem serei reconhecida. Das pessoas com quem compartilhei essa longa trajetória, muitas poucas ainda estão por lá. E, por fim, assim é a vida. Precisamos aprender a encerrar ciclos.

Voltei minha energia para outros projetos. Ainda no período de 2015-2016, duas possibilidades de permanência no exterior para estágios de pesquisas aconteceram: em uma universidade latino-americana; e em uma universidade europeia com apoio financeiro da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, para desenvolver o projeto de pesquisa comparativo entre trajetórias acadêmicas de mulheres. Minha pesquisa e minha atuação profissional têm me dado esse privilégio de conviver e colaborar com mulheres que fazem acontecer, acadêmicas e profissionais ativas e realizadoras, em diversos países e regiões do mundo.

Em 2016, o núcleo organizou dois Simpósios, como parte das atividades de conscientização e discussão das temáticas relacionadas a gênero e raça. No primeiro, com o tema Mulheres: Escolhas e Carreira, que pretendeu colocar uma pauta concernente à vida profissional, pessoal e à sociedade e que, muitas vezes, as escolas de negócio abordam apenas indiretamente, apesar de estarem bastante presentes em nossas vidas pessoais e profissionais. Foram cinco dias de eventos, com 20 convidadas distribuídas em cinco mesas temáticas e participação de mais de 100 pessoas. O segundo, com o tema Negras e negros na Educação Superior, pretendeu contribuir com o debate sobre as relações raciais e de gênero no ensino superior brasileiro, contemplando: acesso ao ensino superior e permanência estudantil; racismo institucional na educação superior; e professores e pesquisadores negros no ensino superior. Foram três dias de eventos, com 12 pessoas convidadas, professores, pesquisadores e estudantes negros, tendo ainda duas escolas estaduais envolvidas e apenas mulheres negras na organização.

Como resultado do período de pesquisa na universidade estadunidense, um projeto de pesquisa conjunto e colaborativo foi discutido e elaborado abordando homens e mulheres empreendedores em negócios tradicionais e não-tradicionais, em três países, Brasil, Portugal e Estados Unidos. Na pesquisa, são considerados negócios não-tradicionais especificamente empreendedoras mulheres em setores tradicionalmente masculinos (e vice-versa) e empresas sociais e culturais. Na equipe desse projeto a possibilidade de aproximar diversos pesquisadores com quem havia trabalhado anteriormente em torno de um mesmo projeto de pesquisa. O desenho da rede de

pesquisa para conduzir o projeto envolve professores e pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa dos três países e buscou recursos financeiros e institucionais locais e internacionais. Adicionalmente, da reaproximação com um amigo, conheci, após o retorno ao Brasil, sua companheira, estudante de administração em uma universidade estadual, que passou a integrar a equipe do projeto.

O projeto foi submetido ao CNPq, no Brasil, e ao instituto de pesquisa, na universidade estadunidense. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar, multianual, apoiada teoricamente inicialmente em um artigo que desenvolve uma teoria de identificação de oportunidades empreendedoras. Voltaremos a falar mais à frente nesse projeto de pesquisa e nos seus desdobramentos.

Prólogo: concursos para professora titular, fracassos e resiliência

No transcorrer dessa trajetória houve a oportunidade de participar de um primeiro concurso para Professora Titular. Aqui há que se fazer uma pausa e respirar fundo. Primeiro para dar conta de que essa é a primeira situação na carreira em que colegas competem por um mesmo cargo. Segundo para pontuar que os outros três colegas concorrendo ao cargo eram homens, como não podia deixar de ser, e todos com muito menos tempo de casa que eu. Tinha 25 anos no departamento, na Faculdade e na Universidade. Terceiro para colocar que havia apenas uma mulher na banca do concurso, como igualmente, dificilmente, deixaria de ser.

Pausa para respirar terminada, é preciso dizer que a minha prova de erudição foi pautada no tema que concentrava minhas ações, atividades e estudo no período mais recente: a presença das mulheres na academia em contabilidade no Brasil. Para mim, era coerente que eu o fizesse, mesmo que a minha carreira, lato sensu, estivesse mais apropriadamente relacionada à educação contábil. Aqui está o ponto, que quero refletir. Uma pessoa que assistia à prova de erudição, depois me mandou as anotações que vez sobre a experiência. Vou colocá-las aqui, da forma como me foram enviadas:

Contraponto? Ou soma de esforços...
O gênero divide ou acrescenta?
O gênero é limite?
Queda de procura pelo curso por mulheres.
Mulheres cada vez mais independentes representam um público que não pode ser ignorado.
Análise de pessoas como números equaliza desigualdades?
Gênero = Medo, cuidado, receio, risco.
A contabilidade como ferramenta de melhoria social.
O ensino precisa refletir e entender os movimentos sociais?

Não vou mais me deter em comentar sobre o concurso. Apenas concluo que foi uma experiência única de aprendizado. Poderia me deter sob diferentes perspectivas e pontos de vista. Todos seriam muito pessoais e parciais. Mas apenas ressalto duas das reflexões enviadas por essa pessoa, uma na forma afirmativa e outra, interrogativa: “A contabilidade como ferramenta de melhoria social” e “O ensino precisa refletir e entender os movimentos sociais?” Ainda hoje, quando penso novamente nessas reflexões, concluo que precisamos (re)fundar o ramo de estudo da contabilidade humana e retomar o caráter que a contabilidade tem de ser, sobretudo, uma prática social.

No final de 2016 tivemos a notícia do aceite do projeto de pesquisa pelo CNPq: o apoio

financeiro fora concedido para o projeto. Com essa notícia nos preparamos para uma pesquisa de campo, com a vinda de uma pesquisadora para o Brasil, e para a ida de de outra pesquisadora para um estágio de pesquisa nos Estados Unidos, ambas no primeiro semestre de 2017.

Porém, a liberação dos recursos para os projetos aprovados foi adiada. A tardia liberação dos recursos fez com que a estada fosse adiada diversas vezes e liberada apenas em maio de 2017, já às vésperas da viagem para estudo de campo, e que a ida ao exterior fosse financiada com recursos próprios. Realmente, se paga para fazer pesquisa nesse Brasil. Por outro lado, no caso da vinda, uma verba daquela universidade assegurou a passagem para o Brasil e parte das despesas com a estadia. Portanto, os recursos chegaram justo no tempo para financiar a pesquisa de campo.

No contexto do projeto, uma fundação no agreste brasileiro é considerada como um caso de empreendedorismo não tradicional sustentável em nossa pesquisa. Criada em 1986 por um grupo de pesquisadoras motivadas a contribuir com a conservação efetiva do patrimônio cultural e ambiental da região, a fundação tem trabalhado incessantemente por mais de três décadas na região de uma área de conservação ambiental com atividades que incluem pesquisas científicas, proteção do patrimônio cultural, histórico e ambiental e promoção do desenvolvimento local por meio de projetos educacionais e de desenvolvimento de competências. A liderança desse grupo é desempenhada por uma renomada arqueóloga brasileira que, com base nos achados em escavações na região, contestou teses bem estabelecidas e que pareciam imutáveis.

Com total apoio dela e com suporte operacional da fundação, durante a pesquisa de campo foi possível entrevistar quase 30 pessoas pertencentes a três grupos distintos: funcionários da fundação; empreendedores/as locais; e moradores/as das comunidades dos entornos da área de conservação. Junta-se à essa coleção de entrevistas, três reuniões realizadas com a líder e cerca de 5 gigabytes de informação a respeito da fundação e de seus projetos sociais coletados com apoio da assistente da biblioteca da Fundação, entre eles, relatórios finais de projetos, fotografias e vídeos.

Atualmente, a equipe de pesquisa trabalha na transcrição das entrevistas gravadas, na realização de novas entrevistas e na análise qualitativa dos dados. Essa última atividade consiste na codificação preliminar das entrevistas por três pesquisadoras independentemente, na realização de reuniões periódicas para discussão de similaridades e diferenças dos construtos identificados e no agrupamento de construtos em categorias.

Apesar de ainda em uma fase preliminar de análise, estamos animadas com a riqueza de temas que está emergindo dos dados coletadas em campo. Já identificamos outras questões de pesquisas muito relevantes para além do tópico “identificação e desenvolvimento de oportunidades” (foco original dos projetos de pesquisa). Para além disso, reuniões e apresentações dos projetos de pesquisas têm também fascinado e despertado o interesse científico de pesquisadores da universidade parceira de áreas diversas, como educação, empreendedorismo, desenvolvimento humano e turismo. Atualmente, a equipe de pesquisa está discutindo possibilidades de novas colaborações e novos projetos científicos para área de conservação e para a fundação.

Em 2017, um ano de grandes emoções, além da pesquisa de campo, nesse primeiro semestre do ano, tivemos pela primeira vez na história do programa de pós-graduação em de contabilidade mais antigo do país, e por muito tempo o único, a oferta de uma disciplina de Pesquisa Qualitativa. A oferta foi viabilizada pela participação da colega professora reconhecida na temática, de outra universidade, e de um colega do

departamento. Para nossa alegria, a primeira turma contava com quase 20 participantes, de mais de um programa de pós-graduação e duas estudantes intercambistas. Estamos hoje na quinta turma, sendo a segunda oferecida pelo Zoom, com participantes de diversas universidades, programas e áreas de pesquisa.

Também em 2017, em julho, fruto daquele projeto de pesquisa com os professores de uma universidade federal é lançado um livro sobre metodologias ativas de ensino aprendizagem. A tiragem inicial de 2.000 exemplares se esgotou em três meses, demandando uma reimpressão ainda em outubro.

Do sucesso dessa primeira árvore plantada e do entusiasmo, criatividade e capacidade de trabalho dessas duas andorinhas acadêmicas que me acompanham em tantos projetos, há tanto tempo (“Também não é tanto tempo assim”, já ouço o colega dizer), nasceram, já germinaram em planta e frutificaram outras diversas seguintes mudas.

No segundo semestre de 2017, dois projetos dominaram o cenário: um de colaboração e um de organização de evento. O projeto de colaboração envolveu a oferta da disciplina de Metodologia de Ensino Superior em Contabilidade, na primeira turma do mestrado em Ciências Contábeis da região Centro-Oeste, que ainda carece de programas de pós-graduação na área. Também coroa uma história de longa parceria com uma colega admirada e querida, com quem já colaborara em um Procad/Casadinho.

Quanto à organização de eventos, em um cenário de mudanças intensas e controversas, os membros do Generas se reuniram no planejamento e organização de um simpósio com o tema LGBTQ+: Juntos resistimos que, em três dias de evento, pretendeu-se discutir a presença de pessoas LGBTQ+ no mercado de trabalho a partir de perspectivas individuais, de profissionais que se identifiquem como LGBTQ+, e de empresas que promovam ações e programas.

Um novo concurso de titular, com várias inseguranças sobre voltar a me apresentar para a disputa. Uma nova situação de concorrência, agora com um colega próximo. Uma banca interdisciplinar, com duas mulheres em sua composição. Um grupo de apoio e de preparação, desde a fase da organização, digitalização e submissão de todos os documentos no sistema para inscrição ao concurso; até a preparação para as provas. Um concurso mais próximo, com resultados mais divididos, mas com as indicações tendo sido recebidas pelas pessoas externas à unidade. Nesse concurso, a promessa de dedicar a carreira nessa nova fase ao entendimento da incivilidade acadêmica: como um ambiente, o acadêmico, que deveria ser desenhado e construído para nutrir e alimentar, pode desesperançar e reprimir? Era um concurso para ser tudo ou nada, e essa era a temática que eu abraçaria qualquer que fosse o resultado. Enfim, a indicação por 3x2, em um concurso em que eu ficaria feliz com qualquer que fosse o resultado. E eu recebi o resultado em um telefonema, cercada pela minha família e por pessoas queridas, em minha casa.

Um novo período de pesquisa no exterior. Esse período tinha sido pensado para ser uma viagem de consolação, dada a certeza de que eu tinha de que eu não seria a indicada no concurso. Mas aconteceu diferente. Novamente, nesse estágio de pesquisa, eu contei com apoio de uma bolsa Capes, em um projeto que me permitiu o aprofundamento em abordagens qualitativas, bem como o estabelecimento e a consolidação de parcerias para a estruturação de uma rede latino-americana de pesquisa alternativa em contabilidade. Essa rede, essa comunidade, é um projeto que ainda está em estruturação, passível de redirecionamentos e de reconstruções, mas que tem aportado imensas possibilidades a tantos, tantas e tantas.

Em uma outra parceria, uma coletânea pouco usual que traz relatos e (contra)relatos

da pandemia. Editado em várias mãos e mentes e com um projeto gráfico cuidado e caprichoso, está para ser lançado com a missão de ser a mensagem na garrafa para futuras gerações desse período de exceção que estamos vivendo. A coletânea se constitui como um projeto multilíngue, multi-formato, e tem por objetivo oferecer um registro duradouro de nossas experiências pessoais e coletivas durante o período de isolamento social, em decorrência da Covid-19, e quiçá, orientar nossas possibilidades no pós-pandemia.

E por falar em germinação, com o núcleo de pesquisa não foi diferente. Após um período de existência, de uma reestruturação e consolidação em 2016-17, e de um redesenho durante a pandemia, entre 2019-2021, o núcleo se reorganiza em torno da estruturação de projetos de pesquisa, ensino e extensão para o empoderamento social e econômico da comunidade. Temos desenvolvido pesquisas apresentadas internacionalmente sobre mulheres no mercado de trabalho, a presença de mulheres e de pessoas negras na academia, presença de minorias no ensino superior, empreendedorismo feminino e feminista e empreendedorismo não tradicional. Como valores, acreditamos que o ativismo acadêmico deve levar a reflexões sobre o contexto social e fazer parte da mudança. Assim, os projetos que desenvolvemos e apoiamos embasam nossos argumentos para uma luta por um mundo mais justo. O foco em pesquisa acadêmica, não nos limita à academia, pois acreditamos em pragmatismo suleado por dados e por evidências. Assim, são articulados projetos de ensino e extensão que visem construir um diálogo entre a academia e grupos não-hegemônicos. Além disso, criado o grupo de gestão do núcleo para catalisar ações e demandas relacionadas à organização cotidiana do grupo, que não perderá a característica de autogestão. Hoje, o núcleo conta, entre voluntários, pesquisadores e ouvintes com quase 40 pessoas, e se tornou uma incubadora de projetos sociais, atento a identificar editais que possam acolher projetos com a tônica da justiça social.

Além disso, adicionalmente e complementarmente, fui brindada pelo convite a me unir a coletivos, coletivas, grupos de trabalho e comitês que se organizam em torno da pauta de diversidade. Esses grupos têm o potencial de amplificar vozes e vivências, de estruturar ações, de coordenar visões. Corpos dissidentes precisa conquistar o seu espaço. Multidões queer demandam (re)conhecimento (Preciado, 2011). É preciso problematizar a exclusão, e os cos-temas que a sustenta. É preciso colidir para mudar!

Considerações Finais

Bem, chegamos ao final de uma trajetória. Devo ter cometido erros e omissões. Mas olhando para a experiência acumulada como elemento de contraste com as outras trajetórias, acho que os fatos e atos principais estão contemplados. Não separei o profissional do pessoal e, como diria Jânio Quadros, fi-lo porque qui-lo, propositadamente, ou seja, eu o fiz propositadamente como o amálgama de minha trajetória de vida. Nessa fase da carreira, embalada por parcerias longevas e por redes de solidariedade, pretendo, mais do que tudo, sulear ações e buscar possibilidades de abrir caminhos e ampliar vias de acesso, nessa nossa missão de identificar, nutrir e fazer florescer talentos humanos. Quero ainda deixar uma mensagem, considerando minha vivência e as histórias compartilhadas pelas estudantes, líderes e professoras que entrevistei e sigo entrevistando, somadas agora a essas mulheres empreendedoras, de diversas áreas, setores e regiões do mundo. Parece-me que a academia, as empresas, as instituições podem se beneficiar de uma avaliação mais inclusiva das conquistas sejam elas acadêmicas, econômicas ou sociais. O ambiente e o clima organizacional podem evoluir para incentivar e garantir a participação de todes.

todes. Finalmente, uma mensagem de boas-vindas às mulheres e aos demais corpos dissidentes deve ser enviada nas mais diferentes áreas de conhecimento, diferentes setores, instituições e entidades. Diversidade em termos de pontos de vista, de experiências e de pensamento podem somente levar a um enriquecimento de metodologias, de temas de pesquisa e de teorias; de modelos de negócio; de desenhos de parcerias produtivas; de inovações sociais. Parece um jogo de ganha-ganha, para todos, todes e todas envolvidos, para homens, mulheres, para pessoas que se definem para além do sistema sexo-gênero, para as multidões queer; e que seja assim também para as instituições, para a contabilidade. Eu estou “contando” com isso!

Referências

Blay, E. A. (2004). *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*. Editora Humanitas.

Clavijo, N. (2020). Reflecting upon vulnerable and dependent bodies during the COVID-19 crisis. *Gender, Work & Organization*, 27(5), 700-704.

Dambrin, C., & Lambert, C. (2012). Who is she and who are we? A reflexive journey in research into the rarity of women in the highest ranks of accountancy. *Critical Perspectives on Accounting*, 23(1), 1-16.

Haynes, K. (2006). Linking narrative and identity construction: using autobiography in accounting research. *Critical perspectives on accounting*, 17(4), 399-418.

Haynes, K. (2010). Other lives in accounting: Critical reflections on oral history methodology in action. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(3), 221-231.

Preciado, B. (2011). Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas*, 19, 11-20.